

Escola Família Agrícola Dom Frágoso

1. Por que uma Escola Família Agrícola na região de Crateús?

No final dos anos 80 e começo dos anos 90 do século passado, na diocese de Crateús, começava-se a questionar o tipo de formação que assumíamos junto ao povo camponês. Apesar de desenvolvermos no período da ditadura militar (a diocese começou em 1964), temáticas envolvendo o sindicalismo, a reforma agrária, as formas de luta... Na Escola Popular diocesana e na Escola Sindical... das quais participava gente do campo, sobretudo jovens, nós, agentes de pastoral, ouvíamos a turma dizer que muita coisa tinha que ser repensada, também o jeito e o conteúdo da nossa formação. Estimulávamos a luta pela terra, a organização sindical e partidária, a luta para enfrentar as secas... Só depois é que nos vem a compreensão da “convivência com o semiárido”, a relativização das formas de organização popular nos moldes permitidos pela “ordem”.

Naqueles anos começamos, também, a articulação das “áreas de conflitos”, na luta pela terra. Tínhamos um encontro anual, que acontecia cada vez numa dessas áreas, para ajudar a refletir a partir da prática, da realidade de cada lugar e, assim, estimular a organização em vista da conquista da terra. Fazia parte da programação desses encontros: práticas alternativas que ajudam a melhorar a relação com a terra, com a água, os criatórios, tecnologias adotadas para a produção, beneficiamento de alguns produtos e a comercialização.

Num desses encontros (*já chamados “das áreas de assentamentos”*), em Floresta, Independência, no ano de 1997, alguns camponeses fizeram a seguinte colocação: *“Nós lutamos pela terra e muitos já conquistamos, mas muita coisa continua igual ao tempo em que trabalhávamos nas terras dos outros: o jeito de fazer a agricultura é o mesmo: desmatamento, queimada..., de fazer o criatório... Nossos filhos e filhas continuam estudando em escolas que os prepara para deixar o campo e, muitos continuam migrando. Em que a CPT pode nos ajudar a mudar?”*

Na verdade, nossa proposta de formação tinha se mostrado incapaz de dar conta dessa demanda, tanto pelo que se faz necessário, a continuidade, as distâncias, pessoal... Comprometemo-nos, como CPT diocesana, de buscar, juntos, uma saída. Falamos da existência de um tipo de formação continuada, para jovens... que era a Escola Família Agrícola (EFA) – no Piauí, na Bahia, em Rondônia, para falarmos das que havíamos conhecido em 1991, quando Irmã Siebra e eu fizemos o “ano sabático”.

No final do encontro, encaminhamos que algumas pessoas visitaríamos uma ou duas EFAs para pensar na possibilidade de implantar uma em nossa região. Esperamos um ano inteiro que isso acontecesse, mas quem havia se comprometido não priorizou, de verdade. Assim, para honrar esse compromisso, Ir. Siebra e eu visitamos as EFAs de Sobradinho e Jabuticaba, Bahia, em agosto de 2000.

Essas visitas deram-nos a possibilidade de ver e ouvir tudo o que se refere aos passos iniciais, bem como questões de estrutura física e burocracia, para chegarmos a uma concretização do nosso sonho. Então, logo cuidamos de repassar esse material para a CPT e todos os agentes de pastoral da diocese. Com isso, queríamos chegar a uma decisão: implantaremos uma EFA? Onde? Quem assume esses encaminhamentos? De onde virão recursos?... Ao mesmo tempo, começamos a difundir essa proposta nas comunidades de Independência, dizendo que estávamos buscando uma resposta para as perguntas acima.

2. Os primeiros passos dados para implementarmos a EFA

Depois de muitas idas e vindas, de muita sondagem, tínhamos como referência um local oferecido pela prefeitura de Independência, em Malhada Vermelha, na jusante do Jaburu II. Ninguém mais da diocese havia se manifestado quanto ao local.

Em junho de 2001, a equipe paroquial de Independência, que contava com irmãs franciscanas (Ana Lúcia e Arli), foi consultada sobre a existência de algum projeto social, entre nós ou na diocese, com possibilidade de contar com apoio financeiro de uma comunidade franciscana de Dortmund, Alemanha. Após uma conversa entre nós, vimos que estávamos com essa EFA encaminhada, mas sem previsão de recursos financeiros. Por intermédio da Ir. Carmela Panini, mostramos a importância do projeto e os passos dados, já com um pré-projeto, enviado aos 11 de julho de 2001, que àquelas alturas, imaginávamos desse certo na Malhada Vermelha.

Pouco tempo depois, a comunidade franciscana de Dortmund, Alemanha pronunciou-se, dizendo que contribuiria com as construções e a manutenção, nos primeiros cinco ou seis anos. Informou, também, o montante com que podia contribuir para que assim, víssemos o que daria para construir e pediu-nos a documentação, planta, etc. Corremos para fazer a escritura, conseguir a planta (colaboração de Bosco, técnico de Independência), o orçamento (feito pelo engenheiro Ney Teixeira). Eles queriam saber, também, da nossa contrapartida. Tudo isso teve que ser feito às pressas, sem muita discussão.

Numa reunião diocesana, vendo que aquele lugar de Malhada Vermelha não servia, chegamos à conclusão que precisávamos comprar um terreno. Mas onde? Com que recurso? Os presentes, pessoas da CPT, D. Jacinto e outras, vimos que seria importante implantarmos a EFA e deveríamos fazê-lo em Independência, pois aí havia pessoas mais dispostas a assumir as dificuldades que se punham. O Pe. Gerardo Fabert, também presente, se dispôs a repassar um dinheiro que recebera de herança da família, correspondente à compra do terreno.

Buscando um local, pensávamos um que fosse ideal: próximo à cidade, com fácil acesso, terra agricultável, água, energia... Depois, vimos que isso seria impossível, quem tinha terreno com essas condições não vendia, mesmo sabendo a finalidade. Então, saímos para ver algumas possibilidades que apareceram e chegamos à conclusão de que a área pertencente a Sebastião

Rosa, na localidade Várzea Grande, com fundos ligados a Santa Cruz, podia atender-nos.

Fizemos a compra de uma área de 235 ha, já que o homem não vendia só uma parte. Depois, nos desfizemos de 100 ha (do lado da Várzea Grande, onde havia duas pequenas casas), porque somente a outra parte estava legalmente registrada, outra exigência dos apoiadores. Na área que ficamos, havia duas casas de alvenaria, uma ainda inacabada, um açude, um cacimbão e um poço profundo, sem instalação, uma casinha de taipa, muito antiga, um curral, uma pequena área coberta para ovinos e caprinos. Quase toda a propriedade estava cercada, com oito ou nove fios de arame, servida de energia, com rede monofásica.

Compramos, assim, uma área bastante degradada, pobre, em questão e com muitas dificuldades. Estávamos cientes de que isto é o comum para as famílias que conseguiram um pedaço de terra. Trata-se, agora, de buscar manejos adequados que contribuam com a mudança do quadro e mostre aos educadores e educadoras, às famílias... que é possível e necessário fazermos diferente, se queremos a convivência com o semiárido, uma vida melhor para nós e para as futuras gerações deste sertão.

A mobilização feita, ao longo de mais de um ano, já nos permitia criar uma Associação que seria responsável pela implantação da EFA. Em 12 de novembro de 2001, criamos a Associação Escola Família Agrícola de Independência - AEFAI. Isso permitiu-nos fazer a escritura do terreno, já em nome da Associação, bem como buscar recursos para os passos seguintes. Elaboramos o estatuto e o regimento interno.

Na assembleia de fundação da Associação, discutimos o nome da EFA. Não tínhamos, àquelas alturas, pensado em nenhum nome. Alguém sugeriu o nome de Dom Antonio Batista Fragoso e justificou: “foi o bispo que chegou a esta região e ajudou camponeses/as, sem terra, dominados pelos latifundiários a refletir a sua situação... E, por conta disso, foi rejeitado, mas permaneceu fiel, ajudando na organização popular – criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT)”. Ficou, então, decidido: Escola Família Agrícola Dom Fragoso.

A AEFAI tem um Conselho Administrativo, integrado, na maioria, por pais e mães de educandos/as ou ex-educandos/as, com a missão de reunir-se, bimestralmente, para ver o andamento da EFA, avaliar os trabalhos, refletir todo o processo educativo e fazer os devidos encaminhamentos. Também, de fazer acontecer duas assembleias gerais, ao longo do ano, para prestação de contas, planejar e avaliar as atividades, eleger uma diretoria, a cada dois anos.

Em dezembro de 2001, estávamos com parte do dinheiro em mãos, para começar a construção. Um grupo de voluntários começava a fazer tijolos na Várzea Grande (num local cedido por Zé Maria Pinheiro), onde havia água. Só que as primeiras chuvas vieram antes do comum e com muita força, interrompendo o serviço e até impedindo a passagem de carros na estrada improvisada. Isso porque a estrada, a partir da Santa Cruz, fora interrompida

pela proprietária, alegando invasão de animais... Daí, tivemos que conseguir com outro proprietário vizinho, o Pacífico, a abertura de uma nova estrada de 4 km, com recursos próprios. Decidimos fazer uma campanha para comprar tijolos furados e outros materiais, cumprindo com a nossa parte.

A construção começou em janeiro de 2002, com um grupo de trabalhadores orientado pelo mestre Raimundo Teixeira, sob os cuidados de Ney Teixeira. Também, contamos com a colaboração de Paulo, um voluntário italiano que se encontrava em Quiterianópolis. O pensamento era fazer o mais rápido possível, para que pudessemos iniciar as aulas, ainda em 2002, uma exigência dos apoiadores.

Enquanto esse trabalho caminhava, estávamos buscando ligação com o pessoal do Piauí, para informações, ajudas... Alguns membros do Conselho Administrativo da AEFAL e candidatos/as à monitoria foram visitar EFAs do Piauí: Soinho e Baixão dos Carlos e Jaboticaba, da Bahia. Acertamos que duas monitoras e um monitor iniciariam a formação em “Pedagogia da Alternância”, com uma turma do Maranhão: Nilce, Ana Mirta e Jackson Melo.

3. Um rosto foi sendo definido

A campanha do material, coordenada por Maria Stela Bezerra, membro do Conselho Administrativo da AEFAL, foi bastante significativa. Outras pessoas, também se dispuseram a colaborar com diárias de serviço, com animais (ovinos, caprinos, suínos, bovinos e aves), com plantas ornamentais, mudas de frutíferas e outras. Um grupo, num dia de domingo, realizou um mutirão para limpeza do entorno dos prédios, ainda inacabados, bem como das duas casas existentes. Também, conseguimos doação de cadeiras escolares usadas, por parte da prefeitura e alguns birôs e outros objetos, com pessoas amigas.

Enquanto pensávamos na estrutura física, sondávamos, também, nomes de pessoas que poderiam compor a equipe de monitores/as. Víamos que se fazia necessário contar com pessoas que, além da formação pedagógica ou técnica, tivessem experiência de trabalho comunitário e espírito missionário, gostassem do campo e de trabalhar a terra... Foram surgindo vários pretendentes, mas não tínhamos muitas possibilidades de escolha e nem tempo para conhecer melhor as pessoas.

Aos poucos, fomos concluindo a primeira fase das edificações e dando-lhes nomes ligados à nossa história, às lutas e lutadores dos nossos povos: duas salas de aula receberam os nomes de “Canudos” e “Caldeirão”; o alojamento masculino, o de Che Guevara; o alojamento feminino, o de Margarida Alves; o refeitório, o do Pe. Alfreddinho; a sala de TV e jogos, o de Zumbi dos Palmares; o anfiteatro, o de Luís Gonzaga; a sala dos monitores, o de Paulo Freire; a biblioteca, o de Patativa do Assaré; a sala de saúde, o de Raimunda Boa Hora, uma antiga parteira da região; a casa do mel, o de “Ronco das Abelhas”; o horto florestal, o de Chico Mendes; as duas casas: a

dos Caratiú e a dos Cariri. Também, fizemos oito cisternas de placas para captar água de beber.

Selecionamos em torno de 30, meninos e meninas, dos municípios de Independência e Crateús. Alguns deles/as já haviam feito até a 7ª série do Ensino Fundamental, mas decidiram voltar à 5ª, pois se achavam sem base.

Várias pessoas se apresentaram. Nossa preocupação era, basicamente, contar com uma equipe coesa, afinada com o nosso projeto. Começamos as aulas, no dia 1º de abril de 2002, com Ana Mirta, Jackson Melo, Edu e Nilce, de Independência, Paulo, voluntário italiano e Rogério, do Espírito Santo, com os espaços ainda improvisados. A maior parte das atividades acontecia na atual casa Caratiú. A Ir. Siebra, na assessoria pedagógica, e eu, Pe. Machado, acompanhando o campo e a administração da propriedade.

Logo em seguida, tivemos que dispensar Rogério e entrou Ronaldo, de Independência. Em seguida, Jackson desistiu, veio Zé Neto, de Lavras da Mangabeira. Assim, terminamos o primeiro ano.

Ao longo desses anos, várias pessoas passaram, dando a sua contribuição: Ivo Sousa e Daniel Barbosa de Fortaleza; Ana Mirta, Nilce, Jackson, Edu, Ronaldo, Taciana, Nila, Conceição, Jannaina e Gorete de Independência; Francisca Maria (KiKa), Jacinta e Francisco Carlos (Kaká), de Crateús; Raimundo Filho, de Quiterianópolis; Cícero, de Parambu; Nereuda de Icó; Cícero, de Altaneira.

Além dessa equipe de monitores, outras pessoas foram sendo contatadas para contribuir no processo: Irmã Erbênia, Iva, Ir. Arli, Hector, Jerônimo, Roginaldo, Cineide, Eudes (Baé) para aulas de música; Marcio, para as aulas de Artes, Meneses, para contribuir na secretaria. Também, contamos com a colaboração esporádica de várias pessoas (da CPT, da Cáritas Diocesana e da FAEC, de Crateús) que ajudaram na formação da equipe de monitores.

Iniciamos o ano de 2015, contando com: Idelzuith, Eliézio e Esmael, de Independência; Gustavo, de Mossoró; Rosberg, de Tabuleiro do Norte; Eliane, de Parambu; Israel, de Crateús; Diassis, de Ocara. E mais alguns professores: Cineide e André, de Crateús e Islândia, de Independência. Contando com a assessoria da Irmã Siebra, do Pe. Machado e do Pe. Géu, que entrou em 2012.

Para assumir a cozinha e os cuidados com a propriedade, também não tem sido fácil. Imaginamos um casal que ficasse tempo integral, morando na EFA, somando com a equipe de formação. Daí a dificuldade: encontrar um casal que atendesse toda essa expectativa e, ainda, sem uma casa apropriada, já que os monitores preferiram morar juntos, na casa Caratiú. Inicialmente, tivemos um casal de Brilhante: Isa e Moacir; depois, um de Jatobá: Marlone e Hermógenes; em seguida, um da cidade: Das Dores e Elias; depois, Leidinha e Erivan, de Malhada Vermelha, mas vindos de Fortaleza. Por último, o casal Neta e Paulo, de Santa Cruz, que estão conosco, ela desde 2008 e ele desde

2011, morando na casa que construímos em 2009, à qual demos o nome de Canindé.

4. As unidades produtivas, a sustentação...

Um grande sonho, desde o início, é que possamos manter algumas unidades de produção que ajudem na autossustentação e sejam, ao mesmo tempo, um laboratório para educando/as. Neste sentido, solicitamos colaborações de pessoas e entidades e fomos montando: o apiário e a casa do mel, o aviário, o aprisco dos ovinos e caprinos, a pocilga, a horta, o estábulo; fazendo o peixamento do açude e a construção de dois barreiros para criação de tilápias; o plantio de fruteiras, para o consumo; o de forrageiras, para alimentar os animais e a construção de um silo; aquisição de um animal com carroça, arado e cultivador. Fomos a Cajazeiras e Aparecida - Paraíba, para conhecer o sistema mandala e construímos a nossa que, abastecida com água do açude, e, através de micro aspersores, vem produzindo uma boa quantidade de frutas e hortaliças, ao longo do ano, com um gasto mínimo de água e energia.

Nos primeiros anos, como a turma de estudantes era pequena, a EFA já dispunha de uma produção de hortaliças, leite, mel, carne e frutas quase o suficiente. Foi a partir daí, que começamos a definir como seria mesmo a questão alimentar: tivemos a colaboração de nutricionistas que ajudaram a pensar como proporcionar uma alimentação simples, mas rica e nutritiva. Também, ajudaram a enfrentar a questão dos gostos alimentares, sem entrar em choque com as famílias, mas contribuindo com elas, ajudando a repensar o jeito de se alimentarem, vendo o que é essencial, o que é melhor e, ainda, sem criar um conflito com as mais pobres que, nem sempre tinham o básico e, assim, educandos/as nem sentiam muita vontade de voltar a casa depois de uma quinzena alimentando-se relativamente bem.

Aos poucos, fomos tendo uma produção orgânica, boa em quantidade e qualidade, para melhorar a alimentação e até para uma possível troca por outros alimentos que não produzíamos. No entanto, nos períodos de seca, a nossa produção diminuiu, embora continuemos com as práticas de convivência com o semiárido.

Para complementar a sustentação, contamos com a colaboração da comunidade de Dortmund - Alemanha que, às vezes, atrasou, mas não falhou, cobrindo as despesas com alimentação, pagamento do pessoal, compra de equipamentos, material didático, despesa com energia, telefone... Como essa contribuição foi pensada para uma turma inicial, o número de estudantes aumentou, tivemos que buscar outras ajudas e mais comprometimento do poder público.

Neste sentido, contamos com o apoio de um grupo missionário da Itália, por intermédio de um amigo da diocese, de muitos anos, João Baroni; de amigos da Alemanha, através do Pe. Waltermman; da Cáritas regional e diocesana; da CPT regional; do poder público: compra antecipada da produção com doação simultânea (CONAB), pagamento de monitores pelas prefeituras

de Independência e Tamboril, Projeto Dom Hélder Câmara, governo do Ceará (dois técnicos assumidos pela EMATERCE).

Desde o início, vimos que era imprescindível contar – para a sustentação da EFA – com a contribuição das famílias. Atualmente, estas contribuem com a mensalidade da AEFAl, equivalente a 1% do salário mínimo (R\$ 7,25); contribuição para a alimentação de cada estudante (R\$ 30,00) por sessão; partilha anual: uma galinha (R\$ 25,00), uma saca de feijão ou milho, ou outro produto da produção familiar e não sendo possível pode ser o valor equivalente a isso em dinheiro (R\$ 50,00); além de três diárias de serviço por ano (R\$ 90,00) para ajudar na conservação da estrutura física da Escola.

As aulas práticas das disciplinas da área técnica: Agricultura, Zootecnia, Construções e Instalações Rurais, Economia e Administração Rural, Planejamento e Projetos, Agroindústria Familiar, bem como o estágio nas Unidades Produtivas da EFA, contribuem significativamente para a sustentabilidade, pois além de serem instrumentos de ensino/aprendizagem, ajudam na manutenção da Escola. Também, a participação das comunidades com mutirões durante as construções ou com partilhas diversas, foi e tem sido muito significativa. Desde 2012, implementamos a Campanha Amigos/as Solidários/as da EFA Dom Frágoso, em que pessoas que acreditam neste Projeto contribuem com R\$ 300,00 por ano, partilhando do pouco que têm como um gesto de grande solidariedade para com a nossa luta.

Cientes de que a educação é dever do Estado, temos cobrado apoio do poder público. E conseguimos, da prefeitura de Independência, desde o início: o transporte de estudantes cidade – EFA e EFA – cidade; um pouco da alimentação escolar e colaboração para o pagamento de monitores/as. Depois, conseguimos da prefeitura de Tamboril, o pagamento de uma monitora, desde 2006; da prefeitura de Crateús, o pagamento de uma monitora, durante o ano de 2012. E firmamos um convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, desde 2010, para o pagamento de monitores/as. Mas a AEFAl ainda tem muitas despesas com pessoal porque estas parcerias com Municípios ou Estado nunca cobriram e nem cobrem todos os custos.

Escrito por Pe. Machado em 2008 e atualizado em 2015, por Eliane Amorim.